

Da minha biblioteca

Mal Nascer, de Carlos Campaniço



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

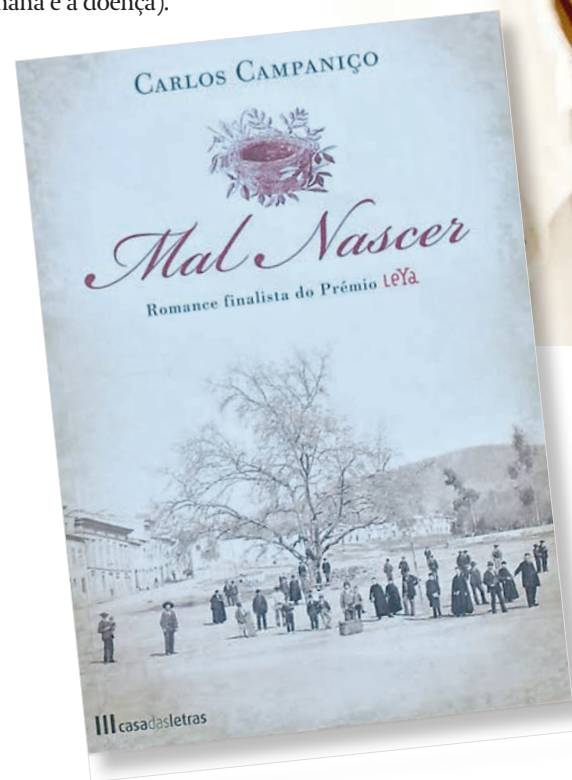
Carlos Campaniço lançou em maio um novo romance (que foi finalista do Prémio Leya 2013), demonstrando vitalidade e vontade de prosseguir esta sua já premiada carreira de escritor.

Tal como nas obras anteriores – provavelmente por gosto e formação do autor, dado que a história é a sua especialidade –, também este é um romance de época, desta vez passado no início do século XIX: a narrativa acompanha Santiago, um jovem médico, partidário de D. Pedro, que se refugia, durante as Guerras Liberais (1828-1834), numa vila longe de Lisboa, uma vila que é a terra que o viu (mal) nascer: «Olho a praça com um vagar que é ainda de saudade. Estes recantos e travessas, ruas e largos, continuam a ser os meus passos. (...) é aqui na vila que ouço o tambor do meu coração» (pp. 17-18). Naturalmente, ficamos com curiosidade para saber por que razão de lá saiu e por que se inibe em se fazer reconhecer diretamente pelos seus conterrâneos (apesar de não se esconder – saiu da casa, expondo-se à vista de todos –, também não se identifica). Mas o motivo só nos é revelado no final. Até lá, vamos acompanhando, em capítulos intercalados, uns largos meses da vida de Santiago adulto e uns anos da de Santiago menino, de forma a ir construindo, paulatinamente, a sua história.

Santiago não é propriamente um herói, um homem de altos padrões morais e de elevada consciência social, que luta e assume a consequência dos seus princípios e crenças. Não. Em Lisboa, Santiago teme pela vida e foge dos miguelistas;

na vila, receia assumir quem é («Temo a reacção de Albano e de dona Odélia», p. 16;) e as consequências de ser acusado de herege («Fico aterrado com esta postura súbita do vereador», p. 53); no amor, enreda-se com duas mulheres casadas e não tem coragem quer para cortar com uma que o persegue, quer para declarar a outra que a ama; e aceita fazer a corte a uma terceira, que não é tida nem achada nestas demandas.

Porém, todas estas fragilidades fazem-no parecer mais humano. Ao mostrar a infância sofrida de Santiago, durante a qual foi maltratado, exilado e até, pode-se afirmar, sequestrado, Carlos Campaniço consegue fazer-nos simpatizar e empatizar com as suas fraquezas de adulto e até admirar a compaixão que ainda tem dentro de si, depois de tudo o que se passou (as lágrimas chegam-lhe facilmente aos olhos, quando perante a miséria humana e a doença).

**Pobreza, fome e doença**

A miséria é uma dura realidade que não muda de época para época: em criança, Santiago sabe o que é a fome, por experiência própria, mas vive-a

(vivem-na todos) com a dignidade possível («Ela olha-me e não tem coragem de me dizer que não tem comida para mim e finge não saber que eu nada comi. Também eu tenho vergonha de dizer que tenho fome



“Mal Nascer” é a obra mais recente do escritor

e esta noite dormirei de bucho vazio», p. 181); em adulto, lida, compassivamente, com a pobreza do povo («Ela agarra-me as mãos e chora uma confissão que me arrepia, aclarando que não comem quase nada há três dias. Chora-me as mãos e faz-me entupir os olhos de lágrimas», p. 19). Aliás, o povo é apresentado, na generalidade, como gente boa e trabalhadora. As poucas exceções são homens e nunca as mulheres: são os maridos que se embebedam e batem nas companheiras.

A esta admiração pelo povo contrapõe-se a crítica aos senhores, que desprezam os pobres que exploram e tiranizam, que tratam pior que os animais,

para quem a vida de um miserável não tem valor, quando comparada com a sua. Mas a morte e a doença não escolhem pelo nome de família nem posição social, e estas, apenas estas, conseguem vergar alguma arrogância. E enquanto entre os mais poderosos há intriga e jogos de interesse, entre o povo há solidariedade e entreaajuda.

Passado presente, Igreja e poder

O narrador é o próprio Santiago, que conta a sua história, ou melhor, as suas histórias, usando sempre o presente do indicativo, conseguindo um maior efeito dramático e levando o leitor a

presenciar os acontecimentos com muito mais intensidade:

«Deito-me em cima da cama e sinto uma paz que é de sono. Começa-me a anoitecer os olhos, lembrando-me o quanto cismeï voltar a dormir na terra que é a minha.

Agora é manhã clara, lavada por uma luz recente, que me deixa acordado logo cedo» (p.17).

O uso do presente do indicativo permite outras interpretações: o passado está presente no presente de Santiago. E persegue-o, enquanto não for resolvido.

Uma das consequências da infância que teve foi levá-lo a recusar entrar numa igreja e a frequentar a missa (tendo feito, por esse motivo, importantes inimigos). Assim, quando partiu da vila, da primeira vez (quando ainda pré-adolescente), disse: «A única coisa que penso, ao ver a luz da última cal, é que deus se esqueceu de ter sido o obreiro desta vila, porque nunca a visitou» (p. 183). Assim mesmo, «deus» com minúscula, num claro sinal da pequenez que atribui à divindade cristã, por metonímia com os seus representantes na terra, que, paradoxalmente, servem e dominam o poder político e judicial.

Quando a mãe morre, vítima de violência doméstica, Santiago olha «nossa senhora da piedade, como se olha a uma pessoa a quem deixaremos de falar por ressentimento. A sua tranquilidade de santa agasta-me, mais o seu distanciamento imóvel para com a nossa dor. [...] Terão os santos os corações de pedra ou de madeira, como as suas estátuas? Não me comovem as feições de compaixão que lhe lavraram no rosto, pois quem presencia a morte de uma mulher inocente e não a protege é cúmplice também» (p. 180).

Fiquei a pensar: no nosso quotidiano, quantas vezes somos cúmplices de tantas injustiças e nada fazemos, como os santos, de rosto compassivo e coração de pedra?



“LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE”

Até 14 de JUN | Centro Cultural de Lagos

Exposição de cartoons, onde o humor é uma arma poderosa contra as consciências cúmplices. A luz contra obnubilção. A arte contra a tragédia. O esplendor do riso contra a pompa da ganância



“O AMOR DOS OUTROS”

14 JUN | 21.30 | Auditório Municipal de Olhão

O grupo de teatro olhanense ‘A Gorda’ aborda, através da apresentação desta peça, a complexidade de certos temas, como o afecto, o sexo, a identidade sexual e como transmitimos essa postura e forma de viver com e nos outros